



Apresentação

Leminski escreve a mil. Ele nunca quer ser freguês distinto, pedindo isso e aquilo. O que quer dizer, diz. E diz muito: poemas, romances, contos, ensaios, cartas, biografias, canções, quadrinhos, publicidades, traduções e outros e outros e outros... Enfim, dezenas, um guardador de guardanapos, um *fabbro* de catataus entre o óbvio e o nunca visto, um autor de livros às dezenas...

Na recepção crítica de sua obra há também mil e uma noites até Babel. Uma das primeiras notas sobre o escritor sai na revista *Invenção*, em 1964, e ali Décio Pignatari destaca o fato de o jovem poeta combinar muitos elementos em sua escrita. Já em 1983, ao prefaciar *Caprichos & relaxos*, Haroldo de Campos também destaca a multiplicidade leminskiana e chama o autor de polilíngue paroquiano cósmico. Nessa época, em jornais e revistas, o vencedor distraído segue acumulando leitores, a exemplo de Leyla Perrone-Moisés. A ensaísta é outra a batizar o fotógrafo verbal com epítetos ao publicar “Leminski, samurai malandro”, em *O Estado de S. Paulo*, no mesmo 1983, e “Leminski, tal que em si mesmo”, na *Revista USP*, em 1989. Na academia, notavelmente na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1996, Fabrício Marques defende um dos primeiros trabalhos de pós-graduação acerca do escritor e, em 2001, edita em livro a sua dissertação de mestrado: *Aço em flor*. Três anos depois, é lançado o volume *A linha que nunca termina*, organizado por André Dick e Fabiano Calixto, livro no qual constam alguns textos fundamentais no trajeto da recepção do cachorro louco, diálogos que caminham em signo ascendente. Mas às vezes tudo sucede súbito. E a crítica leminskiana realmente explode a partir de 2013, impulsionada pelo lançamento de *Toda poesia* e pelo boom dos programas de pós-graduação no Brasil. Hoje, a crítica segue saboreando o biscoito fino e pop fabricado pelo bandido que sabia latim. E a quantidade de leitores e leituras, ensaios e anseios críticos torna cada vez mais o autor um ex-estranho.

Agora é que são elas! Isso de querer pensar o kamiquase nos leva além: um Dossiê Paulo Leminski. Oportunidade para a recepção crítica da literatura leminskiana ganhar novo capítulo. O volume 30, número 2, da Revista *O Eixo e a Roda* distraído recebe textos de variados ângulos e hipóteses. Um processo democrático de seleção e de avaliação que atravessa

o winterverno da Pandemia de Covid-19. São meses de profissão de febre, um trabalho que não raro convive com a doença. Que mais um crítico podia fazer nos idos de 2020, 2021? Penetramos nas cavernas e lidamos com a impura perda de, até agora, cerca de 666 mil brasileiros e, no mundo, um total que ultrapassa 4 milhões de pessoas. La vie en close.

Tentando fazer de nossas trevas alguma coisa a mais que lágrimas, a presente edição traz nove clics em Paulo Leminski. Artigos vindos de diversos pontos do Brasil e interessados em muitas nuances do escritor poliédrico. É uma alegria ver que a chamada aberta recebe propostas tão variadas e empenhadas. Uma delas é a de Ana Érica Reis da Silva Kühn, o seu estudo “Paulo Leminski e a expressão poética da ‘várzea’”, texto no qual procura refinar o conceito de “várzea” – delineado pelo autor –, visada capaz de gerar implicações lúcidas na obra do curitibano cósmico. Ana Fernandes, em “Clics de Curitiba pelo polaco louco”, por sua vez, faz uma leitura de *Quarenta clics em Curitiba*, passando por noções como o haicai e buscando trilhas de interpretações para essa obra de difícil classificação. Já o artigo “Cartesius dissoluto”, de Danilo Bernardes Teixeira, contrasta o filósofo René Descartes e o personagem que (des)organiza a (não-)narrativa do *Catatau*, de modo que sejam pensadas algumas dissoluções construídas pelas anarquiteturas leminskianas. Em seguida, Fábio Roberto Lucas, em “Equivocologias leminskianas”, reflete sobre possíveis implicações entre a poética de Leminski e suas inquietações acerca do meio-ambiente, abrindo caminhos potentes. Quanto a Jorge Fernando Barbosa do Amaral, com o seu “Agora é que são elas: um romance em xeque”, ele consegue arejar a leitura dessa narrativa instigante ao traçar aproximações entre o autor brasileiro e conceitos de Julio Cortázar e Reinaldo Laddaga. Keyla Freires da Silva e Martine Suzanne Kunz, em “A escrita movediça de Paulo Leminski em *Catatau*”, observam a inventividade linguística do autor no romance-ideia, investigando diversos recursos criativos. Criativo também é o artigo de Lucas dos Passos, “Uma prosa através: ‘Minha classe gosta/Logo, é uma bosta.’, um nuvô romã de Paulo Leminski”, texto que realiza interessante contribuição para a crítica ao analisar, à esquerda, um texto que chamou de “novela inédita e incompleta”. “De como anseios se tornam ensaios”, de Paula Renata Moreira, por seu turno, revisita a obra ensaística do polímata e demonstra afinidades existentes entre essas produções e a sua atividade poética. E fechando a edição, Tida Carvalho, com o seu ensaístico “Vida,

minha vida”, lança luz sobre o volume *Vida*, no qual estão reunidas quatro biografias escritas pelo samurai malandro, e focaliza especialmente a obra dedicada a Trótski.

São páginas pesadas de tanto. Da prosa à poesia, do ensaio à reavaliação crítica. Aqui estão alguns nomes já fundamentais da crítica sobre o guerreiro da linguagem. E vozes a mais. Uma estrada que vai longe. E assim, no meio da Noite Enorme, o nome de Leminski não dorme.

Belo Horizonte, 24 de agosto de 2021.

Aniversário de 77 anos de Paulo Leminski.

Gustavo Cerqueira Guimarães (Universidade
Eduardo Mondlane/Moçambique)

Marcus Vinicius de Freitas (UFMG)

Rafael Fava Belúzio (UFMG)

Wilberth Salgueiro (UFES)